

CAMINHOS DA DANÇA NA RUA: O CORPO QUE SE MOVE NO ESPAÇO URBANO

TAÍS BASTOS BOTELHO¹; ALICE BRAZ ITURRIET²; DÉBORA SOUTO ALLEMAND³; CARMEN ANITA HOFFMANN⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – taissbbastos@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas– aliceb.iturriet@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas– deborallemand@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas- carminhalese@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O Projeto Caminhos da Dança na Rua, que caracteriza-se como uma pesquisa em dança com o enfoque nos trabalhos e demandas corporais exploradas na rua, foi idealizado pela egressa e atual professora do curso de Dança-Licenciatura da UFPel, Débora Allemand. Inicialmente desenvolvido junto à disciplina de Estágio em Dança III, que acontece em espaços não-formais¹ de ensino, objetivou sobretudo, experimentar movimentos corporais que surgissem a partir do espaço urbano:

A cidade contemporânea é um lugar de mudança constante e, por isso, de grande potência para a criação artística, abrindo possibilidades de diferentes sensações e movimentos e ampliando as formas de fazer e compreender dança. Assim, diversos grupos de arte utilizam a rua como espaço de afirmação política e buscam na cidade inspiração para as suas obras. Além disso, a arte da rua faz com que as pessoas percebam sua cidade, que geralmente é desconhecida pelos cidadãos, fomentando uma participação ativa na vida pública e indo de encontro a um estado de inércia das pessoas. (ALLEMAND; HOFFMANN, 2016, pg. 88)

Dessa forma, apropriar-se dos espaços públicos não utilizados; Relacionar a produção artística com o ambiente cotidiano, mostrando outras formas de movimento e buscando aproximar o público do artista; Difundir e divulgar a arte da dança, possibilitando experiências sensíveis aos que passam na cidade; Experimentar espaços com diferentes características, possibilitando uma gama maior de movimentos corporais.

2. METODOLOGIA

O presente texto é um relato das atividades do grupo a partir da experiência, como integrante do grupo. Buscou-se referenciá-lo através do projeto e relatório de estágio disponibilizados pelas professoras coordenadoras. As fotografias e vídeos auxiliaram na rememoração poética das experiências nos diferentes espaços e momentos trabalhados no Caminhos da Dança na Rua. A análise se alicerça na própria consolidação das atividades do projeto de extensão com contemplação de dois bolsistas como forma de reconhecimento da sua importância na formação em dança e do envolvimento com a comunidade externa.

¹ Segundo Simson, Park e Fernandes (2001), a educação não-formal fundamenta-se principalmente no compromisso com uma temática importante para o grupo, mais do que qualquer outro conteúdo preestabelecido por pessoas ou instituições e torna-se mais do que uma obrigação, pois o grupo tem uma relação prazerosa com o aprender.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da divulgação por meio das redes sociais, atendendo ao chamado por interessados(as) em *parkour*, *performance* e intervenções urbanas, um grupo corporalmente diverso se formou com o intuito maior de “experimentar a rua”. Nessa congruência, como também aponta no relatório, apresentaram-se diferentes desejos: “alguns queriam movimentos mais artísticos, plásticos, estéticos e outros queriam movimentos com maior cunho político, que discutissem sobre o espaço e a sociedade [...]” (ALLEMAND; HOLFFMANN, 2016, p. 88), o que ocasionaram numa diversidade de planejamentos e demandas.

Nesse processo, os muitos “corpos disponíveis”, com e sem experiências intrinsecamente ligadas às artes, participaram tanto dos laboratórios de experimentações corporais (principalmente com preparação corporal), quanto das saídas a campo desempenhadas nas ruas de Pelotas; cidade plana, de ruas predominantemente retas, especialmente nos bairros onde se deram as saídas.

As ações/experimentações citadas acima, pensadas e realizadas com o grupo participante do Caminhos da Dança na Rua, partiram basicamente, além de propostas presentes na pesquisa criativa em dança, de metodologias de improvisação como recursos/ferramentas para as explorações tanto em espaços fechados, quanto para a rua.

A improvisação oportunizou uma liberdade criativa e relacional, de planejamentos e com as movimentações e corpos que ali se dispunham a realizar as demandas, que brotaram a partir de temas, exercícios de dinâmicas grupais, músicas/percussões nascidas no contato do corpo no chão, no contato com outros corpos ou objetos esquecidos nas ruas, como também a relação do cotidiano de cada corpo, cada indivíduo, com a arquitetura/local onde o grupo se encontrava atento e reflexivo, em constante movimento corporal e político. O acaso também foi uma fonte de pesquisa que se manteve presente na maioria dos encontros, nos possibilitando o encontro com outros vértices de trabalho, sensações, criações e inovações livres de qualquer codificação do corpo. Por isso:

O sistema dança troca com o meio ambiente. Qual é o meio ambiente? O mundo. Essa troca é uma porta de vai-e-vem que modifica continuamente dança e mundo, num processo de mão dupla permanente. Não se pensa em um sem o outro, pois a dança depende de um corpo e esse corpo existe por processos de relacionamento com o mundo. Em outros termos, dentro do sistema dança, um corpo que dança recebe essas informações do mundo, informações estas que passam a ser internalizadas pelo corpo que dança. Esse corpo que dança continua a trocar as informações internalizadas, e que se modificaram, com o mundo. Todo o tempo as trocas são permanentes entre o interno e o externo e é a isso que se chama de co-evolução sistêmica. Por esta razão, a comunicação entre ambiente e corpos se estende ao longo do tempo (MARTINS, 2008).

Espaços-tempo, estes, que em cada indivíduo provocaram diferentes relações, modificações. Espaços-tempo imbuídos de histórias e estórias, assim como os que com eles se propuseram dialogar, gingar. Espaços-tempo muitas vezes despercebidos no cotidiano, naqueles momentos se tornaram espaços-corporais por intenção de experienciá-los, de sê-los ainda que efemeramente, e assim:

Um ritmo próprio surge dos percursos, uma nova temporalidade surge do próprio caminhar. A ginga e a dança parecem diluir os espaços, transformando o espaço em movimento, pois temporalizam o espaço. A arte do tempo, a música, e a arte do espaço, a arquitetura, se casam na dança, arte do movimento (JACQUES, 2002, p. 61).

Desse modo, tanto na sala de aula, quanto na rua, foram realizados aquecimentos direcionados com jogos, tarefas e metodologias próprias da dança mescladas com a criatividade da mediadora Débora. Tais propostas mantinham o grupo conectado e expandiam a atenção para o espaço, para as pessoas que circulavam, animais, objetos, arquiteturas, enfatizando a relação do corpo com o espaço a todo tempo, o qual foi se ressignificando pelas ações realizadas.

O projeto já se desenvolveu e divulgou-se em diferentes espaços da cidade de Pelotas como no centro histórico, a região do porto, Aplauso ao Theatro sete de Abril, na Bienal internacional de artes, no espaço entre Faurb (curso de arquitetura e urbanismo) e Ceart (curso de artes e desing), entre outros. Os integrantes estão participando de eventos, com intuito de apresentar performances, caminhadas guiadas e a própria apresentação do projeto Caminhos da Dança na Rua em suas diferentes etapas. Como resultados positivos, além da publicação na revista Expressa Extensão, já foram produzidos estudos apresentados em eventos como: X Seminários de Dança de Joinville, Ruído e gesto de Rio Grande, V Encontro das Graduações em Dança do RS em Porto Alegre, Seminário de Pesquisas em Andamento USP, Corpocidade em Salvador.

4. CONCLUSÕES

Foi um fluxo interessante no prolongar do projeto, que possibilitou outras trocas e propostas de trabalho, além da própria revisitação das propostas direcionadas ao grupo do Caminhos da Dança na Rua. A conexão entre o grupo, independente da quantidade de pessoas, permitiu uma exploração abrangente, do corpo que dança em movimento com arte na rua. Os participantes estão motivados e envolvidos com o projeto ao ponto de buscarem possibilidades de participação em eventos, da mesma natureza, já consolidados em outras ruas de outras cidades e de outros estados. O projeto disponibiliza um acervo visual e audiovisual que podem ser acessados na página de rede social <<https://www.facebook.com/caminhosdarua/?fref=ts>>.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTINS, Cleide Fernandes. **A improvisação em dança: um processo sistêmico e evolutivo.** In: NORA, Sigrid (Org.). Húmus, 2. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2008. p.181-189.

JACQUES, Paola Berenstein. **Quando o Passo vira Dança.** In: VARELLA, Drauzio; BERTAZZO, Ivaldo; JACQUES, Paola. Maré, Vida na Favela.Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

ALLEMAND, D. HOFFMANN, C. **CAMINHOS DA DANÇA NAS RUAS DE PELOTAS: Uma Semente Capaz de Brotar Diálogos Poéticos.** Expressa Extensão. Pelotas, v.20, n.2, p. 87-98, 2015.

